

FALE / UFMG

Oralidade no Ensino

Sugestões de Atividades

Organizadores:

Ana Flávia Inácio Ferreira
Dennys Bacelete de Souza
Denize Schneider do Vale
Ediison Salatiel Lopes
Écia Geraida Dias
Joaquim Guimarães Pereira Neto
Joelma de Fátima da Costa Neves
Jose Marques
Magda Procópio Magalhães
Natalino da Silva de Oliveira
Rosilene Fátima de Sousa
Sandra de Souza Reis
Sebastião Guimarães Costa Filho

Orientadora:

Profa. Sônia Queiroz

Belo Horizonte
2004

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
---------------------------	----

TEMA EM DESTAQUE

Oralidade da Linguagem	
Sebastião Guimarães Costa Filho	10

Parte I

VARIEDADES DIALETAIS E PRECONCEITOS LINGÜÍSTICOS

<u>Proposta I</u>	
Aline Aives Fonseca	13

<u>Proposta II</u>	
Cléudia de Souza Jardim	
Cristiane Rocha da Silva	
Márcio Raimundo da Silva	
Nízia Aparecida Reis	17

<u>Proposta III</u>	
Thaís Teixeira Monteiro	
Ana Luzia R. Souza	
Luciana Moreno de Oliveira	19

Parte II

AS MARCAS DA COLOQUIALIDADE EM TELEJORNALIS MÚSICAS E DOCUMENTÁRIOS

<u>Proposta I</u>	
Márcio Elias Corrêa	22

<u>Proposta II</u>	
Nilton de Paiva Pinto	26

Parte III

O CONTO E SUAS MANIFESTAÇÕES

<u>Proposta</u>	
Vinícius Ribeiro Pimentel	29

Parte IV

TEXTOS PARA AUDIÇÃO E LEITURA	34
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
REFERÊNCIAS FONOGRAFICAS	62

Apresentação

.....
..

Um dos desafios propostos ao professor de hoje é desenvolver a competência lingüística dos alunos. Quando pensamos em competência lingüística podemos destacar dois processos fundamentais: fala e escrita.

A aquisição da escrita é feita através do processo de letramento. A criança quando entra na escola começa a se tornar letrada, ou seja, aprende a escrever e, naquele ambiente, vai deixando a oralidade se tornar secundária. Neste livro iremos propor formas de trabalhar a oralidade em sala de aula, por considerarmos fundamental para o crescimento do aluno o desenvolvimento das habilidades de comunicação oral.

Segundo os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, “a linguagem é uma herança social, uma realidade primeira” (p. 25), sendo assim, dentro da linguagem destacamos como sendo realidade primeira a fala, uma vez que, antecede a escrita. As culturas que não desenvolveram a escrita passam os seus costumes e saberes de geração em geração pela oralidade. Os provérbios, as preces, as receitas, as fábulas, enfim, tudo é passado e repassado através do tempo, pela oralidade.

No planejamento pedagógico o professor precisa ter um cuidado especial para com o processo da oralidade. “Não se trata de ensinar a falar ou a fala dita ‘correta’ mas sim as falas adequadas ao contexto de uso”. (PCN ensino fundamental, Língua Portuguesa, p.8). Podemos também citar as distinções de estilo, Jânia Ramos em seu livro *O espaço da oralidade em sala de aula*, faz distinção entre o estilo coloquial

que é espontâneo, mais informal e o estilo cuidado que seria mais formal. Ambos têm a ver com a situação em que a interação lingüística se efetiva. “Nas situações mais espontâneas, lidando com interlocutores com quem temos intimidade, quer falando ou escrevendo sobre assuntos do cotidiano, usamos o estilo coloquial. Já em situações mais formais, falando/escrevendo sobre temas mais específicos e lidando com interlocutores mais distantes, do ponto de vista social e pessoal, usamos o estilo cuidado” (p. 7).

A ORALIDADE NO CONTEXTO FAMILIAR

Uma das primeiras situações de uso da fala da pessoa é com sua família e/ou responsáveis. No início, a descoberta do entendimento, através da fala, se dá pelo reconhecimento das coisas e das pessoas através dos nomes. Depois vem a necessidade biológica a ser atendida, que pode ser: um pedido de água, comida, uma queixa de dor, etc. A fala vai se desenvolvendo naturalmente, conforme a maturidade, até chegar o momento em que a criança fala frases inteiras e consegue então dialogar com a sua família e outras pessoas do convívio.

A ORALIDADE NO CONTEXTO ESCOLAR

Então, chega a fase escolar, quando a criança depara-se com um mundo novo, mais complexo. Ela tem que interagir com os novos colegas e com o professor. Está diante de uma nova situação de uso da linguagem verbal. “Podemos assim falar em linguagens que se confrontam, nas práticas sociais e na história, e fazendo com que a circulação de sentidos produza formas sensoriais e cognitivas diferenciadas”

(PCN ensino médio, p. 126). O professor pode, neste momento, fazer uso da oralidade para beneficiar o aluno. A criança vendo-se inserida em um contexto de respeito e carinho, consegue desenvolver sua capacidade de produção de textos orais e poderá aperfeiçoá-la, pois adquire segurança para sua manifestação. Até mesmo as mais tímidas conseguem se libertar do estigma de introspecção, muitas vezes desenvolvido dentro da família. “Respeito aos diferentes modos de falar” (PCN, ensino fundamental, p, 73). A criança deve acostumar-se desde cedo com a naturalidade da variação lingüística, a fim de que possa identificar a forma mais adequada de uso de um registro sem menosprezar uma variedade em benefício da outra. “Há quem acredite que se fala tal como se escreve e vice-versa. Não é menor o número de falantes que assumem que a escrita só se presta à veiculação de textos formais e que a fala, de modo geral e irrestrito, é sempre mais coloquial que a escrita” (RAMOS, 1997).

Nas séries que se sucederão, a criança já terá experimentado e aperfeiçoado as diferentes formas de se expressar, seja através da fala ou da escrita, e terá condições de passar para uma nova fase, a fase em que o aluno precisará apresentar seus trabalhos. A apresentação poderá ser de um simples cartaz até a mais complexa explicação sobre pesquisa em um determinado assunto.

Há que se esclarecer que o trabalho do professor para desenvolver a oralidade do aluno não se limita às séries iniciais (1º ciclo). O trabalho primário é apenas um eixo, uma base para os trabalhos futuros. Em todas as séries desde o fundamental até o ensino médio, os professores devem orientar seus alunos para o desenvolvimento da competência oral.

No ensino médio o aluno deverá ter capacidade de articulação, elaboração das idéias e maturidade para a

exposição oral objetiva e compreensível. “Destaca-se que a linguagem, na escola, passa a ser objeto de reflexão e análise, permitindo ao aluno a superação e/ou a transformação dos significados veiculados” (PCN, ensino médio, Língua Portuguesa, p. 127).

Várias práticas podem ser experimentadas em sala de aula: “o debate e o diálogo, as perguntas que desmontam as frases feitas, a pesquisa, entre outras, seriam formas de auxiliar o aluno a construir um ponto de vista articulado sobre o objeto em estudo” (PCN, ensino médio, Língua Portuguesa, p. 129).

A PRÁTICA DA ORALIDADE EM SALA DE AULA

Apresentaremos a seguir algumas atividades didáticas que foram planejadas e executadas no período de setembro a dezembro/2003, por alunos da Faculdade de Letras da UFMG, nas escolas da região metropolitana de Belo Horizonte. O trabalho foi produzido no âmbito da disciplina: Tópicos Especiais de Prática de Ensino – A oralidade no Ensino Fundamental e Médio, ministrada pela Profa. Sônia Queiroz, no 2º semestre de 2003.

Inicialmente, esta publicação apresenta um texto que versa sobre “A Oralidade da Linguagem”, tema pouco trabalhado nas salas de aula, atualmente.

A primeira parte do livro consistiu em apresentar propostas que enfocam a variedade dialetal da língua portuguesa no Brasil e a questão do preconceito lingüística. A segunda parte pretende identificar as marcas da linguagem coloquial presentes em textos jornalísticos, documentários e músicas. Finalmente, a terceira parte aborda a ampliação do conceito de conto através de suas manifestações orais e escritas.

Na Quarta parte, os professores encontrarão os textos utilizados, nas propostas, para audição e leitura. As músicas apresentadas nas propostas de atividades didáticas foram registradas em um CD, que acompanha esta publicação. Algumas das letras das músicas não foram transcritas na Quarta parte, mas selecionadas pelos organizadores deste livro, a fim de servirem como sugestão para outras atividades em sala.

A bibliografia e a discografia foram feitas a partir das referências dos próprios trabalhos didáticos aqui elencados.

O objetivo desta publicação é disponibilizar para os professores, sugestões de atividades que podem ser realizadas em sala de aula, ampliando a capacidade de criação dos professores e alunos, e visando o aperfeiçoamento dos usos da linguagem.

Oralidade da linguagem¹

A CULTURA ESCRITA E O PASSADO ORAL

Os estudiosos, de uns anos para cá, passaram a encarar de um modo diferente o significado da linguagem oral e os contrastes entre este tipo de expressão e a escrita. Ferdinand Saussure, que é chamado o pai da lingüística moderna, insistia na superioridade do discurso oral, e entendia a escrita como um complemento desse discurso. A partir daí, muitos estudos foram desenvolvidos sobre fonêmica, que é a área científica que se ocupa do som das palavras. Henry Sweet, um inglês da época de Saussure, dizia que as palavras não são feitas de letras, mas de sons.

Os seres humanos se comunicam de formas diversas, mas nenhuma delas é comparável à linguagem através do som articulado; o próprio pensamento está relacionado, de um modo muito especial, ao som.

A linguagem é tão predominantemente oral, que dentre as milhares de línguas que existiram, apenas cerca de 106 possuíam escrita suficientemente desenvolvida para produzir literatura. Das 3 mil línguas hoje faladas, somente 78, aproximadamente, têm, de fato, uma literatura.

É claro que o valor da escrita não pode ser negado. Quem usa uma língua escrita – o inglês, por exemplo – tem à sua disposição um vocabulário de pelo menos um milhão e meio de palavras, enquanto que uma língua exclusivamente

oral não oferecerá ao falante mais do que alguns milhares. Entretanto, todos os textos escritos estão direta ou indiretamente relacionados ao universo do som. Ler um texto, é transformá-lo em som, audível ou imaginativo. A oralidade pode existir sem a escrita, mas nunca a escrita existirá sem a oralidade.

No entanto, os estudos científicos da linguagem, até recentemente, desconsideravam a expressão oral, tida como mera variante da produção escrita. Há uma explicação para isto, e está presente na própria relação do estudo com a escrita. Nas culturas orais, as pessoas aprendem, mas não “estudam”. O aprendizado se dá pela prática. Curiosamente, quando o estudo, no sentido de análise ampla das coisas, se torna possível pela descoberta e emprego da escrita, uma das primeiras coisas a serem estudadas é a própria linguagem e seus usos diversos.

A fala tem fascinado as pessoas desde um passado bem distante. Já os gregos, séculos antes de Cristo, se ocupavam em reflexões sobre os princípios da retórica, que é a “arte do discurso”.

“LITERATURA ORAL”?

O fato de o conhecimento passar a ser armazenado nos textos escritos, levou os estudiosos a dar menor valor e atenção às formas artísticas orais. Sinal disto, é possuímos um termo, “literatura”, para designar o conjunto dos escritos, mas não possuímos um outro que designe satisfatoriamente a herança oral. No passado, criaram a expressão “literatura oral”, empregada ainda hoje por alguns, mas que é gritantemente imprópria, já que a palavra “literatura” vem de “letra” (do alfabeto).

¹ Adaptação feita por Sebastião Guimarães Costa Filho de texto escrito por Walter J. Ong e traduzido por Enid Abreu Dobranszky, para estudo na 8ª série do ensino fundamental.

Imaginar a tradição oral como “literatura oral”, equivale a imaginar cavalos como automóveis sem roda. É como explicar um fenômeno primário começando por um fenômeno posterior e secundário.

O termo “pré-cultura escrita” também apresenta os seus inconvenientes, A oralidade seria o “sistema modelar primário” que, estranhamente, se desviou do “sistema modelar secundário”, que lhe é posterior.

Também há quem use a expressão “texto” referindo-se a um pronunciamento oral. É um termo mais coerente, porque a sua raiz significa “tecer”, e o discurso oral tem sido compreendido como um ato pelo qual alguém tece ou alinhava idéias.

Embora a expressão “literatura oral” esteja perdendo terreno, dificilmente será descartada em definitivo, porque é complicadíssimo para pessoas de uma cultura escrita pensar nas palavras sem vinculá-las à escrita. Chega a ser ameaçador. Como viver sem dicionários, gramáticas e todo o aparato que torna possível percorrer as palavras com os olhos? E como é desconcertante lembrar que não existe dicionário na mente, que as línguas desenvolveram gramáticas muito complexas sem ajuda da escrita, e que a maioria dos seus usuários sempre passaram muito bem sem transformar o som vocal em coisa para ser vista!

Mas, que fazer, quando a escrita exerce tão irresistível fascínio? Hoje, dificilmente, uma cultura predominantemente oral negará a gama enorme de capacidades absolutamente inacessíveis sem a escrita.

Felizmente, a cultura escrita tem uma grande facilidade de adaptação. E ela pode também resgatar sua memória, na qual a oralidade tem um lugar destacado.

Variedades dialetais e preconceitos lingüísticos

PROPOSTA I

Autora: Aline Alves Fonseca

TEMA

- Diferentes usos/usuários da língua falada em diferentes situações de registro da oralidade.

OBJETIVO GERAL

- Contribuir para o aperfeiçoamento da prática docente no ensino de Português.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Promover, com os grupos de alunos envolvidos, o questionamento dos meios de sustentação do preconceito lingüístico.
- Identificar, em registros de fala, as marcas de aproximação de uma situação extrema de formalidade (jornal falado de emissora tradicional de TV) e, por oposição, de informalidade (entrevistas em programas de TV).
- Levar os alunos a perceberem que a língua não é um sistema rígido e que é determinada pela situação discursiva em que o falante se insere.
- Mostrar aos alunos que a palavra gramática tem mais de um significado.
- Demonstrar para o grupo de estudantes que, dependendo da situação de uso da fala, qualquer falante transgride algumas regras prescritas pelas gramáticas tradicionais.

TEXTOS

- Gravação e transcrição de programa de televisão: jornal falado e entrevista, texto sobre os vários conceitos de gramática intitulado “E você, fala certo ou errado?”, proposta de atividade em sala de aula.

METODOLOGIA

- Partir do pressuposto que os estudantes já são usuários da língua e dominam perfeitamente o conjunto de regras que regula um bom repertório desses usos (gramática

interiorizada). A prática de ensino deve, então, levar em consideração que o conhecimento precisa ser uma construção do aluno e este deve ser um sujeito atuante no seu próprio processo de aprendizagem, aperfeiçoando, assim, a competência lingüística que todo falante da língua possui.

PLANEJAMENTO DE ATIVIDADES

Primeira Aula

- Propor a discussão: O que é gramática?
- Apresentar o texto introdutório intitulado: “E você, fala certo ou errado?” (vide parte IV)
- Discussão sobre o texto e os diferentes conceitos de gramática
- Introduzir o conceito de adequação
- Discutir Preconceito Lingüístico

Segunda Aula

- Assistir à gravação do jornal (TV)
- Passar a transcrição do texto para os alunos (vide parte IV)
- Discutir o conceito de adequação
- Dividir a turma em grupos para que no próximo módulo seja realizada uma atividade “Teatral”

Terceira Aula

- Tempo para a elaboração da atividade “Teatral”
- Apresentação dos resultados para a turma
- Discussão e conclusão

ATIVIDADE TEATRAL

- Imaginar a situação descrita abaixo:
Um repórter está na Praça Sete, no centro de Belo Horizonte, para entrevistar algumas pessoas sobre o que elas

pensam da Educação no País. A reportagem será transmitida no Jornal Nacional. Lá o repórter encontra as seguintes personalidades:

- Um Político
 - Um Jogador de Futebol
 - Um Policial
 - Um Cantor de Rap
- Imaginar como cada uma dessas personalidades irá responder a seguinte pergunta: **qual a importância da educação na construção do nosso país?**
 - A turma será dividida em 4 grupos e cada grupo irá representar uma dessas personalidades e irá elaborar a resposta para a pergunta do repórter. Pensar na fala típica usada por cada uma das pessoas acima, no vocabulário empregado e na classe social a qual pertence cada personagem para elaborar a sua resposta.
 - **DICA:** determine quem é a personalidade que vocês estão representando. Veja os exemplos:
 - Um Político = O Presidente, O Prefeito da Cidade, um Deputado-
 - Um Jogador de Futebol = O Ronaldinho, O Rivaldo, O Alex (do Cruzeiro), O Fábio Júnior (do Atlético)
 - Um Policial = Um Soldado, Um Sargento, Um Coronel, Um Delegado Civil
 - Um Cantor de Rap = O vocalista do Racionais MC, do Rappa,
 - Cada grupo irá escolher um membro para representar o seu personagem para o resto da turma em um “Teatro” onde haverá:

- O repórter
- O câmera
- O entrevistado

PROPOSTA II

*Autores: Cléudia de Souza Jardim; Cristiane Rocha da Silva;
Márcio Raimundo da Silva; Nízia Aparecida Reis*

TEMA

—

- Análise e reflexão sobre a língua oral.

OBJETIVO GERAL

—

- Conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

—

- Conhecer e respeitar as diferentes variedades lingüísticas do português falado;
- Ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral nas diversas situações comunicativas.

TEXTO

-
-
- Canção *Aí D'Eu Sodade* (ABC do preguiçoso) cantoria sertaneja (vide parte IV).

METODOLOGIA

-
- Falar sobre as variedades e registros da língua oral pertinentes na comunicação.
 - Distribuir a letra da canção para uma leitura em voz alta e colocaremos o CD, pedir aos alunos para observar os traços de oralidade mais relevantes. Listar todos os traços destacados pela turma. Após esta atividade avaliar se o texto foi aceitável e sugerir uma performance. Uma vez que os alunos aceitem, ensaiar e apresentar em auditório.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Primeira aula

- Comentar sobre as variedades e registros da língua oral, a importância da oralidade na comunicação, baseados no texto “A oralidade da Linguagem” (vide parte IV).

Segunda aula

- Distribuir a letra da canção “Ai d’eu Sodade” (vide parte IV), realizando uma leitura em voz alta, logo após, um

acompanhamento auditivo, listagem dos traços de fala existentes na canção.

Terceira aula

- Continuar a atividade anterior e discussão sobre os traços característicos da fala mais relevantes da canção.

PROPOSTA III

*Autores: Thaís Teixeira Monteiro, Ana Luzia R. Souza,
Luciana Moreno de Oliveira*

TEMA

-
- Diversidade lingüística

OBJETIVO GERAL

-
- Ampliar o conhecimento dos alunos sobre oralidade.

OBJETIVOS ESPECIFICOS

-
- Identificar os traços lingüísticas da oralidade na entrevista e na narrativa oral; Promover debate sobre as diferenças dialetais e atitudes dos falantes perante elas.

TEXTOS

–

- Texto de Walter Ong (Cap.1 do livro de Walter Ong – vide parte IV) adaptado para a 6^a série, transmitido oralmente.
- Roteiro da entrevista (vide parte IV).
- Narrativa oral regional do interior de Minas Gerais (contador de “causo”), letras de música.
- Fita cassete-TROVA, PROSA, VIOLA. Geraldino
- CD's: Marina Lima, Racionais MC's
- Fados – Amália Rodrigues, Músicas de Angola – CD pirata, sem título.
- Textos produzidos pelos alunos: listagem das palavras consideradas diferentes pelos alunos durante a entrevista e durante a narração do caso, reprodução deste na modalidade escrita utilizando-se o dialeto padrão.

METODOLOGIA

–

- Explicação; Entrevista com falante do dialeto nordestino; Listagem, feita pelos alunos, de palavras ou pronúncias diferentes na fala da entrevistada; Audição de “causo” gravado em fita cassete; Debate acerca das atitudes dos falantes diante das diferenças dialetais e dos diferentes registros utilizados em situações diversas,
- Espaço – sala de aula. Equipamentos – aparelho de som.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

–

Primeira aula

- Explicação sobre o tema; entrevista com uma falante do dialeto piauiense; Listagem de palavras e expressões diferentes do dialeto mineiro que os alunos perceberam na fala da entrevistada,

Segunda aula

- Audição do caso para que os alunos possam identificar características do falar do interior mineiro; Debate sobre as diferenças dialetais.

Terceira aula

- Produção de texto escrito recontando a narração, mas utilizando dialeto padrão; Comparação da pronúncia entre os dialetos carioca e paulista e entre o Português do Brasil e o de Portugal através de CD's de música.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

—

Perguntas elaboradas pelos alunos para tentar descobrir o estado de origem da entrevistada:

- Quais as comidas típicas?
- Quais as festas locais?
- Qual o tipo de roupa usado?
- Qual o estilo de música característico?

As marcas da coloquialidade em telejornais, músicas e documentários

PROPOSTA I

Autor: Márcio Elias Corrêa

TEMA

- As marcas da coloquialidade presentes nos telejornais, nos documentários e nas músicas.

OBJETIVOS GERAIS

- Desenvolver as habilidades lingüísticas da fala e da escuta, observando a argumentação e o encadeamento das idéias, apropriando-se da lógica utilizada pelos interlocutores nos diversos textos trabalhados.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar elementos do discurso, como: quem está falando, para quem e com quais intenções;
- Atentar para aspectos ideológicos que há por trás das falas dos interlocutores;
- Relacionar os textos com suas vivências.

TEXTOS

- Trechos dos telejornais: MG TV, da emissora Globo Minas; Jornal da Alterosa, da emissora TV Alterosa (SBT); e Jornal Minas 1ª edição, da emissora Rede Minas;
- As músicas: Incompatibilidade de gênios, de Aldir Blanc e João Bosco; Cotidiano, de Chico Buarque de Holanda e Drão, de Gilberto Gil.

METODOLOGIA

- Mostrar aos alunos exemplos de textos orais gravados em fitas de vídeo, cassete e CDs, contendo trechos de telejornais, documentários e músicas, para que através da sua própria percepção possam analisar, caracterizar e refletir sobre cada texto.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Justifique sua resposta.

Primeira aula

- Nessa aula, será reproduzida uma fita de vídeo com trechos de telejornais de emissoras diferentes, contendo três versões de uma mesma notícia, veiculada no mesmo dia. Serão utilizadas notícias de jornal para exemplificar as diferentes abordagens.

E interessante, ao trabalhar com o jornal, mostrar as maneiras pelas quais uma mesma notícia é veiculada por diferentes jornais, dependendo do público a que se destinam, da sua linha editorial, etc. Na etapa seguinte partiremos para a discussão dos textos, visando à explicitação dos conteúdos informacionais e à avaliação desse conteúdo em função da experiência dos alunos.

Pediremos aos alunos que caracterizem cada texto. Serão exploradas questões relativas a vocabulário, como grau de formalidade, uso de gírias, marcas de pressuposição e de inferência. Para isso serão utilizadas as seguintes questões:

1. Quais as diferenças e semelhanças existem entre os textos?
2. O que cada notícia informa sobre o fato ocorrido?
3. Para quem os textos são dirigidos?
4. Descreva cada um dos narradores: entonação, expressão do rosto, tipo de roupa, gestos, etc.
5. A imagem e o comportamento dos narradores ajudam na apreensão das idéias do texto apresentado?
6. O que recebe mais ênfase na notícia (1)? E na notícia (2)? E na notícia (3)?
7. Qual das versões mais o agradou?

Segunda aula

- Serão reproduzidos três CDs contendo as músicas: *Incompatibilidade de gênios*, de Aldir Blanc e João Bosco; *Cotidiano*, de Chico Buarque de Holanda e *Drão*, de Gilberto Gil. Em seguida serão propostas atividades semelhantes às das aulas anteriores, só que desta vez apresentando um outro gênero de texto. Nesta atividade pretende-se estimular os alunos a verbalizar expectativas, utilizar os conhecimentos textuais, lingüísticas e de mundo para desvendar as pistas formais que os autores fornecem.

Tal exercício requer o domínio das habilidades de leitura e decodificação, para um compartilhamento mínimo de referências simbólicas que permitam a interlocução. Para tanto é importante que os alunos aprendam estratégias que dinamizem a interação entre leitor e texto. São três músicas produzidas por compositores diferentes que têm em comum o fato de enfocarem situações comunicativas peculiares.

Serão exploradas questões relativas a vocabulário, como grau de formalidade, uso de gírias, marcas de pressuposição e de inferência. Para isso serão utilizadas as seguintes questões:

1. Quem está falando para quem nesses textos?
2. Qual o objetivo das pessoas que falam nos textos?
3. Comente o tipo de linguagem usada pelos personagens em cada uma das músicas.
4. Trace o perfil dos personagens em cada um dos textos: idade, classe social, naturalidade, profissão, valores, ambições, etc.
5. Que elementos do texto permitiram a vocês tirarem essas conclusões?

PROPOSTA II

Autor: Nilton de Paiva Pinto

TEMA

—

- A Canção de Gabriel O Pensador.

OBJETIVO GERAL

—

- Articular as redes de diferenças e semelhanças entre as modalidades oral e escrita da língua e seus códigos sociais e lingüísticas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

—

- Discutir a importância do discurso coloquial nas canções de Gabriel O Pensador.
- Investigar a relação entre o rap e o discurso oral.

TEXTO

—

- Música Até Quando, de Gabriel O Pensador.

METODOLOGIA

- O trabalho será desenvolvido em uma sala de aula consta de três partes.
- A primeira parte do trabalho consiste em aulas expositivas sobre o rap e Gabriel O Pensador.
- O conteúdo é de caráter histórico e completamente informativo.
- A segunda parte será desenvolvida a partir de uma dinâmica em grupo. Para isto usar um aparelho de som; Cd do Gabriel O Pensador; a letra da música Até Quando impressa em uma folha de papel A4; as carteiras da sala serão eliminadas e as cadeiras onde os alunos serão colocadas em círculo. Nesse momento ouvir a canção proposta como tema do trabalho e em seguida fazer uma leitura da letra da canção. Após ter realizado essa leitura será proposto um pequeno debate investigando o sentido do texto.
- A terceira parte consiste na realização de um seminário, discutir a relação entre o rap e a oralidade.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

Primeira aula

- Introdução ao rap (origem e contextualização).
- O homem Gabriel O Pensador e o rap no Brasil.

Segunda aula

- Escuta e leitura da letra da música Até quando
- Levantamento, a partir do texto, dos principais mercadores do discurso oral.
- Após este levantamento será realizado um trabalho em grupo, de quatro ou cinco alunos, buscando investigar o papel que esses mercadores desempenham no contexto da canção.

Terceira aula

- Seminário com toda a turma com o objetivo de discutir a relação entre o rap e a oralidade.

O conto e suas manifestações

PROPOSTA

Autor: Vinícius Ribeiro Pimentel

TEMA

- Ampliação do conceito de conto através da produção de textos orais e escritos.

OBJETIVO GERAL

- Apresentar o gênero conto, tomando-se em conta suas manifestações escritas e orais (contadores de histórias e cinema). A partir da apresentação do gênero, se partirá para a produção de textos orais e escritos e para uma reflexão acerca dos aspectos lingüísticas e extra-lingüísticos presentes nos textos lidos, escutados, assim como os produzidos pela turma de forma oral e escrita.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Para os objetivos específicos serão considerados os capítulos dedicados à prática e leitura de textos orais e escritos presentes no PCNLP (Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino de Língua Portuguesa) e serão divididos em objetivos a serem atingidos na escuta de textos orais, leitura de textos escritos, produção de textos orais e produção de textos escritos.

ESCUA DE TEXTOS ORAIS

- Compreender o gênero conto, no que tange à articulação dos elementos lingüísticos a outros de natureza não-verbal;
- Identificar marcas discursivas para o reconhecimento de intenções, valores e preconceitos veiculados no discurso;
- Identificar as formas particulares dos gêneros literários do oral que se distinguem do falar cotidiano.

LEITURA DE TEXTOS ESCRITOS

- Explicitar expectativas quanto à forma e ao conteúdo do texto em função das características do gênero, do suporte, do autor, etc. (PCNLP 3º e 4º ciclos p. 55);
- Fazer a leitura integral de um texto;
- Formular hipóteses a respeito do conteúdo do texto, antes ou durante a leitura, assim como validar ou reformular as

hipóteses a partir de informações obtidas no processo de leitura;

- Articular conhecimentos prévios e informações textuais, para dar conta de ambigüidades, ironias e expressões figuradas, opiniões e valores, bem como da intenção do autor, presente no texto;

PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS

- Planejar a fala em função dos objetivos específicos, levando-se em consideração as características do receptor e a intencionalidade do locutor;
- Selecionar os recursos discursivos, semânticos e gramaticais, prosódicos e gestuais adequados ao gênero textual (PCNLP 3º e 4º ciclos p. 58);
- Ajustar a fala em função da reação dos interlocutores.

PRODUÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS

- Escrever textos considerando suas condições de produção, tais como finalidade do texto e a especificidade do gênero;
- Utilizar procedimentos diferenciados para a elaboração do texto, tais como o estabelecimento de um tema, o levantamento de idéias, o planejamento, a revisão (com a intervenção do professor) e finalmente uma versão final;
- Utilizar padrões da escrita em função de um projeto textual.

TEXTOS

- Conto “A cabeça” de Luiz Vilela;

- Filmes *O delicado* e *A esbofetada*, da série *A vida como ela é...*, de Nelson Rodrigues;
- Vídeo *Malacacheta II* do acervo de contos orais do projeto *Quem Conta um Conto Aumenta um Ponto*, coordenado pela Profa. Sônia Queiroz.
- Curta-metragem *Diadorim*, baseado na obra *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, e produzido pela Rede Minas de Televisão;
- Conto “Grávida porém virgem”, de Dalton Trevisan;
- Contos “Amor, Medo da Eternidade” e “Uma Esperança” de Clarice Lispector.
- Contos: “Dona Benedita”, “Missa do Galo” e “O Espelho” de Machado de Assis.

METODOLOGIA

- Durante as quatro aulas serão lidos e analisados, em classe, textos, vídeos e filmes de diversos autores como especificado anteriormente. Em consonância com a leitura e escuta de textos, os alunos produzirão textos orais e escritos que mantenham relação com o gênero estudado, o conto.
- O espaço físico se constituirá de sala de aula equipada com TV em cores e vídeo.

PLANEJAMENTO DAS ATIVIDADES

- Na primeira aula será trabalhada a leitura de textos escritos e a escuta de textos orais, seguida de análise e discussão dos aspectos envolvidos nos textos e que mantenham relação com o gênero estudado.
- Na segunda aula se dará início à produção de um conto escritos que será entregue ao professor, ao final da aula; os alunos terão retorno por escrito de sua produção textual na terceira aula.
- Na terceira aula se dará continuidade à leitura de textos escritos e escuta de textos orais, com a intenção de reforçar e ampliar o conceito de conto. Na quarta aula, os alunos terminarão o texto iniciado na segunda aula e manifestarão seu grau de aprendizados assim como a identificação com as atividades propostas.

Textos para audição e leitura

A ORALIDADE DA LINGUAGEM²

Todos sabem da importância da escrita. Não se pode negar sua contribuição para a humanidade. Aposto que você não consegue pensar em escola, aula, professor, aprendizagem, enfim, em “tudo” que acredita estar relacionado ao ensino, sem antes pensar na grande estrela – a escrita. No entanto, não se pode esquecer da oralidade. Na sua opinião, o que significa essa palavra? Qual a importância dela na sua vida? Que história já ouviu a respeito dela? É o que vamos tentar construir ao longo deste texto...

De maneira geral, quando falamos em oralidade, pensamos na exposição oral, isto é, na palavra falada. A escrita é priorizada por muitos estudiosos, mas não existe sem a oralidade. Já o contrário, acontece. De maneira alguma, estou pretendendo fazer com que pense que por esse motivo a oralidade seja mais importante que a escrita. Pelo contrário, espero que saiba valorizar tanto uma, como outra, mas é importante que tenha noção da existência de sociedades orais (pessoas que ainda hoje vivem sem a escrita).

A linguagem não se resume à escrita. Não apenas a comunicação, mas o próprio pensamento está relacionado ao

² Adaptado por Cristiane Rocha da Silva de: ONG, Walter J. Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra. Trad. Enid Abreu Dobranszky. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p 13-24: A Oralidade da Linguagem.

som. Mesmo a linguagem de sinais – usada por pessoas que têm problemas de audição – substitui a fala e depende do discurso oral. Vejam como a linguagem é oral: você nem imagina, mas de todas as milhares de línguas – talvez dezenas de milhares – faladas no curso da história humana, somente cerca de 106 estiveram submetidas à escrita em um grau suficiente para produzir literatura – e a maioria jamais foi escrita. Ainda não há meios de se calcular quantas línguas desapareceram ou se transformaram em outras antes que a escrita surgisse.

São encantadores os caminhos que a escrita abre, mas a palavra falada ainda vive. Todo texto escrito, certamente, está relacionado aos sons. Quando se lê um texto, de certa forma, converte-se em som, sílaba por sílaba. Assim, mais uma vez, vê-se que a língua escrita depende da língua falada, da oralidade.

Muitos estudiosos, durante séculos, rejeitaram a oralidade em virtude da relação do próprio estudo com a escrita. Mas as pessoas que vivem nessas comunidades orais têm sabedoria, aprendem com os mais velhos, considerados sábios. O saber é transmitido oralmente assim a memória daquela sociedade é garantida pela palavra, passando-se de geração para geração.

Na nossa cultura, qual é a importância da oralidade? Qual é a “função” da palavra falada, apenas promover a comunicação diária entre as pessoas? A partir do que vem sendo mostrado, o que acha? Temos oralidade no rádio, na televisão, falando ao telefone... Não se esquecendo de que dependem da escrita e da impressão. O que prova que é difícil para nós imaginar a tradição puramente oral, pois vivemos sob o reinado da escrita. Não dá para pensar nas palavras e não pensar na escrita. Elas vêm na nossa mente na forma escrita. Não é mesmo?

As culturas orais produzem “construções” verbais impressionantes e belas, mas não são capazes de outras criações (o que a meu ver, não faz diferença para o modo de vida deles). Assim, entende-se que para as comunidades não-orais, a oralidade precisa e está destinada a produzir a escrita. A cultura escrita é imprescindível ao desenvolvimento da ciência, da história, para a explicação da linguagem (inclusive a falada), enfim, da sociedade dita moderna. Dificilmente hoje, existem pessoas que vivem numa comunidade predominantemente oral e que não tenham consciência das grandes oportunidades que a escrita proporciona. O que pode representar uma consciência angustiante para aqueles que desejam esse mundo cheio de atrativos da cultura escrita, mas que sabem que isso significará deixar para trás boa parte do que é fascinante e amado no mundo oral anterior.

E então? Está gostando? Ainda não acabou! Para terminar, gostaria que soubesse de algumas curiosidades... Agora como já sabe, o modo de vida dessas pessoas – que vivem nessas comunidades orais – é muito diferente do nosso (língua, costumes, crenças etc). Um bom exemplo é uma comunidade localizada no continente africano. Lá, os nomes dos recém-nascidos não são escolhidos como na nossa cultura. Você sabe como o seu foi escolhido? Houve algum motivo especial (homenagem a um avô ou a alguém querido)? Talvez, por causa do dia em que nasceu (dia do santo, data comemorativa)? Pois é, nessa comunidade, chamada Kasina, não são os pais quem escolhem os nomes de seus filhos. São os chefes dos clãs – uma espécie de Pajé das nossas tribos indígenas. Ah! Os ancestrais também são consultados por meio de um adivinho. Não pensem que os pais ficam chateados com isso. Eles têm respeito pela tradição e sabem que um nome tem que ser muito bem escolhido para trazer sorte para toda a comunidade. O recém-nascido pode ser um mensageiro de boas novas para todos. Está achando

estranho? O que vai pensar então quando também souber da maneira como os nomes dos animais são escolhidos? Aposto que a sua gatinha se chama Mimi e que o cachorrinho do seu amiguinho se chama Sansão. Nos Kasina, o modo de escolher o nome dos animais é diferente, serve como um meio de comunicação, para transmitir uma mensagem: dizer que alguém da comunidade está errado, mandar um recado para um vizinho, dar uma resposta a alguém, como “faça para você mesmo”, ou melhor, cuide de sua vida. É... É isso mesmo...

Torço para que tenha achado interessante essa nossa viagem por mundos tão diferentes, mas também tão interessantes. Espero que conte ao seu pai, à sua mãe, ao seu amiguinho, às pessoas com as quais convive, sobre o que aprendeu. Desse modo, assim como você, eles saberão das diferentes culturas, dos diferentes modos de viver. Mas o mais importante é que, assim, você estará contribuindo para que mais pessoas saibam conviver com as diferenças, respeitando-as e apreciando-as. Descobriu a importância da oralidade?

LINGUAGEM ORAL E LINGUAGEM ESCRITA³

Durante séculos acreditou-se que a linguagem escrita era mais correta e mais digna de estudo do que a linguagem oral, ou seja, a língua falada. Há séculos antes de Cristo já se estudava a língua em sua forma escrita, deixando de lado a forma oral, que deveria seguir as regras da escrita. Esse comportamento por parte dos estudiosos permaneceu até

³ Adaptação feita por Thaís Teixeira Monteiro de texto escrito por Walter J. Ong e traduzido por Enid Abreu Dobranszky, para estudo na 6ª série do ensino fundamental.

pouco tempo, mais exatamente até o início do séc. XX, quando um lingüista suíço de nome Saussure começou a questionar o privilégio dado à língua escrita, já que a fala é que sustenta toda a comunicação, mesmo quando escrita. Saussure alertou os estudiosos para o engano de se pensar na escrita como a forma básica da linguagem, pois antes da escrita ser inventada pelo homem, ele já falava.

Os seres humanos comunicam-se de formas variadas e, a menos que tenham algum problema físico, utilizam todos os sentidos: tato, paladar, olfato e especialmente visão e audição. Há tipos de comunicação não-orais, quer dizer, que não utilizam palavras faladas, como a linguagem dos surdos-mudos ou os sinais de trânsito. Contudo, mesmo nestas situações, a palavra está por trás, organizando nossos pensamentos quando vemos os gestos ou sinais. Se você já viu alguém se comunicando através de gestos, sabe que automaticamente, tentamos traduzir aqueles sinais em palavras. Da mesma maneira, quando vemos a placa de trânsito que é um triângulo de cabeça-para-baixo, mesmo sem haver nada escrito traduzimos a placa em palavras: dê a preferência. Os textos escritos também estão diretamente ligados ao mundo dos sons para comunicar seus significados, quer dizer, ler um texto é transformá-lo em som, em voz alta ou na imaginação. Sendo assim, a escrita não existe sem a oralidade (língua falada), mas a oralidade existe sem a escrita, como veremos abaixo.

A linguagem é tão primeiramente oral que no decorrer da história humana já existiram milhares de línguas faladas, mas somente 106 dessas línguas tiveram uma escrita suficiente para produzir literatura: textos de histórias, estudos, textos sagrados, relatos de acontecimentos históricos, etc. Atualmente há cerca de 3 mil línguas faladas no mundo, entretanto apenas umas 78 têm literatura.

Então, por que será que, apesar de a fala ter existido antes da escrita durante mais de 2000 anos deu-se preferência à língua escrita?

Vamos imaginar como seria fazer estudos e pesquisas em uma sociedade onde não houvesse escrita. Já pensou como seria complicado classificar e descrever todos os tipos de aves, ou de peixes sem poder escrever nada? Como registrar o resultado das pesquisas feitas? Como saber o que já foi estudado por outras pessoas, tempos atrás? Impossível guardar tudo na cabeça! Com isto quero mostrar que não há estudo que evolua se não houver escrita. As pessoas que pertencem a sociedades onde não há qualquer tipo de escrita aprendem muitas coisas e possuem grande sabedoria, porém não estudam. Aprendem pela prática, por exemplo, aprendem a caçar, caçando com pessoas mais experientes no assunto; aprendem ouvindo os conselhos e provérbios ensinados pelos mais velhos repetem o que ouvem, fazem novas combinações do que ouvem, mas não estudam como nos estudamos.

Quando o estudo se torna possível por causa da invenção da escrita para determinada língua falada, uma das primeiras coisas que se estuda é a própria linguagem. Por causa dessa possibilidade de desenvolver estudos através da escrita, os estudiosos da linguagem acabaram se concentrando nos textos escritos, privilegiando-os, como se eles existissem antes da fala, e mais ainda, como se fossem modelo para o jeito certo de falar.

É certo que a escrita aumenta muito as possibilidades da linguagem, dando a ela um poder muito maior do que o de uma língua simplesmente oral. Uma língua sem escrita possui muito menos palavras porque nossa mente não consegue armazenar um número tão grande de informações, como as de um dicionário. Além disso, os falantes de uma língua sem escrita não têm conhecimento da história e da evolução da própria língua. Apesar disso, as culturas orais (sem escrita)

produzem realizações impressionantes e belas, de alto valor artístico e humano, que já não são possíveis quando a escrita passa a fazer parte da mente das pessoas. Por tudo que foi dito, concluímos que o ser humano não consegue atingir o máximo de sua capacidade intelectual se não houver escrita, entretanto ela não deve ser considerada mais importante e mais correta do que a linguagem orais que existe antes da linguagem escrita e através da qual organizamos nossos pensamentos e damos significado ao que lemos.

E VOCÊ, FALA CERTO OU ERRADO?⁴

Você, provavelmente, já passou pela experiência de conviver com aulas de gramática. Muitos são os comentários que se ouve acerca desse conteúdo: “É a aula sobre substantivos, adjetivos, verbos!!!” “É aquela aula chata em que temos que decorar listas de preposições!!!” “É muito difícil! São tantas regras!!!” “É importante, pois só por meio da gramática é que poderemos aprender a falar certo.”

Mas... afinal de contas, o que é gramática? O que se pretende com esse objeto de estudo? O que você, aluno do ensino médio, pode ganhar por meio do estudo de gramática?

Segundo Sírio Possenti, professor do Instituto de Estudos da Linguagem de UNICAMP, “a palavra gramática significa ‘conjunto de regras’ e essa expressão pode ser entendida como”:

- Conjunto de regras que o falante da língua domina, (gramática internalizada)
- Conjunto de regras que são seguidas, (gramática descritiva)
- Conjunto de regras que devem ser seguidas (gramática normativa).”

Para começar, é preciso que deixemos claro que, como afirmou Possenti, a palavra gramática tem diferentes significados. Todos esses significados, no entanto, estão relacionados com a nossa produção de linguagem. Toda vez que falamos e ouvimos, empregamos, mesmo sem perceber, uma enorme quantidade de regras. Na verdade, se a atividade

lingüística não fosse orientada por essas regras, a comunicação ficaria comprometida, já que não haveria um conhecimento lingüística compartilhado entre os participantes de uma comunidade que permitisse a esses interlocutores a compreensão das diferentes mensagens.

Por outro lado, sabemos também que TODOS os falantes utilizam a língua em diferentes situações: para conversar com um amigo, para conversar com personalidades, em particular, em público, para dar uma entrevista, e para tantas outras finalidades comunicativas. Cada indivíduo é capaz de produzir discursos e o faz de forma diferente em cada uma dessas situações. Ou seja, existe um “conjunto de regras que são seguidas” no momento da elaboração dos diferentes textos.

Mas como explicar, então, a idéia de que é nos livros e manuais de gramática que se aprende a falar e a escrever certo?

Na verdade, esse terceiro conjunto de regras é aquele que um determinado seguimento da sociedade elege para que seja configurado como padrão. Trata-se, portanto, de um conjunto de regras dotado de prestígio junto à comunidade e que, de certa forma, confere ao seu usuário o status de que fala bem. Mas todos nós sabemos que qualquer falante consegue cumprir BEM seu papel ao se fazer entender pelos seus pares, mesmo que não siga essas regras prescritas pelos manuais de gramática. Por outro lado, não se pode esquecer que existem determinadas situações para as quais o modelo de linguagem mais adequado é o padrão.

⁴ Texto elaborado pelas alunas Aline Alves Fonseca, Andréa Gouvêa e Camila Tavares Leite, para a disciplina Prática de Ensino do Português – FAE/UFMG.

REPORTAGEM DO JORNAL HOJE. MÊS DE JUNHO DE 2003

Apresentador: “O cotidiano de um brasileiro que se transformou em um dos principais personagens da história do nosso país. Visitar a casa de Rui Barbosa recentemente reformada, no Rio de Janeiro é como se a gente voltasse no tempo”.

Apresentadora: “Bom, é como se a gente voltasse mais de 100 anos, lá no final do século XIX quando chegaram ao Brasil a energia elétrica e a água encanada”.

Repórter: “Os ideais de justiça e liberdade adiaram a mudança de Rui Barbosa para a casa no bairro de Botafogo, zona sul do Rio, comprada em 1893. Exilado por se opor a Floriano Peixoto, defendendo presos políticos, Rui Barbosa só voltou ao Brasil com a mulher e os filhos dois anos depois. O jurista, escritor, jornalista e político deu à casa o nome da esposa e estantes de embuia feitas sob medida para seus trinta e sete mil livros. Aqui estão documentos raros, como a carta de alforria assinada por Rui, abolicionista fervoroso, para uma escrava que herdou do pai. E também a escrivinha onde fez a revisão do texto da primeira constituição republicana. Rui Barbosa era um apaixonado pelas questões políticas e sociais do país, passava tantas horas lendo e trabalhando que pra não perder tempo mandou fazer esse quarto de vestir, anexo à biblioteca. No fim da manhã, se arrumava aqui mesmo, em meio aos livros e documentos, e partia para as sessões do senado e do supremo tribunal. Nas vitrines, o sapato, tamanho 36, e as casacas do homem de pouco mais de um metro e meio, mas que segundo Monteiro

Lobato, era imenso como o Amazonas. Rui Barbosa representou o Brasil na conferência de paz na Holanda, defendendo a igualdade entre as nações. Ganhou o apelido de Águia de Aia pela qualidade de seus discursos. Na casa é possível entrar na intimidade desse ilustre brasileiro. O banheiro ainda tem o bico de gás e o toalheiro térmico por onde corria água quente. No quarto, a mobília em estilo francês. E na sala, os espelhos venezianas, a tapeçaria goblan do século XVIII e o teto ornamentado revelam o requinte da família. A cozinha tem azulejos franceses e torneiras douradas com água quente graças à serpentina que corria por dentro do fogão a lenha. Visitar a casa é mais que uma viagem no tempo, é o privilégio de conhecer melhor um homem que há um século defendia causas que continuam atuais”.

Ana Pessoa, diretora do centro de memória da Casa de Rui Barbosa: “A necessidade que a gente tá de enfrentar nossos problemas no país, quer dizer, de você recuperar a auto estima brasileira, a auto estima de uma nação que precisa ter, encontrar em si mesma a solução dos seus problemas. Se voltar mais pra dentro enquanto nacionalidade, quer dizer, uma certa, a contra mão da globalização. A gente tá começando a viver um momento de retomadas, digamos, de um pensamento nacionalista. Então, eu acho que Rui Barbosa mais uma vez vai ser chamado pra contribuir presse debate”.

Apresentador: Outro dia um estrangeiro me perguntou (né), porque vocês brasileiros falam/celebram tão pouco a figura de Rui Barbosa, uma parte da resposta está aí, nesta reportagem, agora (né) começamos a falar.

(Fala sobreposta)

Apresentadora: Com certeza!

HISTÓRIA DO GABRIEL PENSADOR⁵

O início de sua carreira

Primeiramente vamos falar como surgiu o apelido: Pensador.

Gabriel fala o que pensa. E como ele fala! As palavras saem aos borbotões, justificando o apelido de Pensador: “Esse nome surgiu logo nas minhas primeiras letras. Não me lembro racionalmente como foi, mas veio bem porque combina. Ultimamente não tenho gostado dessa característica de pensar demais porque ta me dando insônia. Eu fico até puto! Às vezes eu deixo de me divertir pra ficar pensando, analisando, tirando conclusões.”.

Bom, vamos agora falar de seu primeiro show!!!

Antes de ser famoso.

Por uma curiosa coincidência foi também num palco armado na areia que Gabriel apresentou ao mundo seu ponto de vista. Isso foi há 10 anos atrás, em 1991, num luau na praia de Ipanema, tendo como platéia tipos que seriam seus alvos no futuro: “Tinha só lôraburras e playboys típicos. Já havia alguns meses que esta doido pra entra em palco, ai fui lá pra trás e fiquei insistindo com o cara da organização. Fiquei um tempão ali esperando e fui cantar a letra do playboy só de raiva, sem acompanhamento nenhum”. Arrogância adolescente ou premonição, foi assim que ele iniciou sua improvisada apresentação para um público atônito. Agarrou o microfone e mandou: “Essa letra tem muito a ver com essa rapaziada. Sou Gabriel, o Pensador e vocês ainda vão ouvir

⁵ Texto retirado do site www.gopensador.kit.net no dia 06/02/04.

falar muito nesse nome”. Mal sabiam eles o quanto era verdade.

O primeiro show do rapper foi há dez anos, para uma turma de playboys e lôraburras **“sou gabriel o pensador e vocês ainda vão ouvir falar muito desse nome”**.

Relato

Eu no Bronx aos 17 anos

Por Gabriel O Pensador

“Quando eu tinha 17 anos, meu irmão morava em Nova York e nós fomos ao Harlem pra ele raspar o cabelo. Naqueles barbeirinhos de preto, todo mundo com aqueles rádios no ombro, BUM BA BUM, PUBUM BA BUM! Só a gente de branco. Voltando, na rua, tinha uma roda de negros e um cara distribuindo papelzinho. Fui lá, o cara não queria me dar, insisti e ele me deu assim de má vontade.

Era a Noite das Tantas no Bronx, endereço tal, presença de MC Isso e Mc Aquilos vários rappers. “Caralho! Maior showzão!” Meu irmão não quis ir, eu fui pra lá, só que o bundão pegou o metrô errado. Fiquei umas duas horas esperando numa estação: “Pó, esse trem deve demorar mesmo”... Depois de muito tempo vieram uns caras varrendo e perguntei pra eles: “Estação Tal, do Bronx?” “Não, essa hora não passa mais, tem que pegar outros três trens.” Saí correndo, preocupado com a hora, era um show de vários rappers, não queria perder. Peguei três trens e descí numa estação deserta no Bronx. Tudo fechado, vazio. Um lugar bem fodido. A parada era do lado da estação: Rainbow Lounge.

Cheguei lá com a maior cara de bobão, e perguntei pro segurança: “É aqui mesmo?” Era ele e outro negão grandão: “Levanta os braços aí”. Começaram a me revistar e a me sacanear. Eles rindo e eu sem graça. Aí entrei, cara: era

um lugar pequeninho, pouco maior que essa sala, e era só galera local. Pensei que eu ia prum show mas nem tinha palco. Não ia ter os caras ao vivo, os DJs iam tocar músicas desses caras. E eu ainda tinha levado uma fita cassete pra gravar o show.

Era uma boate local daquele pedaço do Bronx. Só negro e não tinha ninguém de outro bairro. Peguei uma Coca-Cola no bar e fiquei de canudinho, observando, de bonezinho e tal. Fui prum canto perto do DJ, que estava tocando ragga, um reggae meio hip hop.

Os Djs todos ali fumando maconha. Aí chegaram umas doídonas bem vagabundas dançando no chão, aquelas negonas com a bunda pro alto, uma dança super sexy, uma putaria delas se esfregando. Eram bem gostosas mas eu não sabia se podia olhar, de repente era mulher de alguém.

Já era bem tarde e nada de show, fiquei frustrado, mas já estava ali, tentei curtir e tal. Finalmente cheguei pro DJ e perguntei: “Não vai tocar rap não?” “Só no final”. Mandei: “É que eu sou do Brasil, dá pra gravar pra mim” e deixei a fita em cima. Aí chegou o bundão engraçado, cumprimentou todo mundo, pegou minha fita assim e botou no bolso.

Como fiquei olhando pra ele, me perguntou: “É sua?” “Yeah”. “Ok.” E continuou com a fita.

Mas quando tocaram o rap, voltei lá e eles estavam gravando, guardo isso até hoje. Acabou a festa, acendeu a luz, tinha um microfone e uma bateria eletrônica, foi lá uma garota cantar toda desafinada – Yeeeeeahhh baby! – e uma outra tentando fazer onda na bateria do cara, aí o DJ voltou puto, dando esporro: “Fuckin' bitches! Get outta here! Suck my dick”! Tá tudo aqui gravado na fita!

Foi saindo todo mundo, saí também... a estação fechada, sem ninguém, cara, de madrugada. Como é que eu ia comprar ingresso? Não sabia que era pra pular. Passou um pessoal pulando, pulei atrás, mas era o lado errado, se

continuasse ia parar mais ainda pra dentro do Bronx. Só tinha sobrado mais um outro cara doidão, lá do outro lado. Gritei: “Yo! Como é que faz pra ir pra Manhattan?” Ele fez gesto assim que era pra eu caminhar pelos trilhos.

Depois de muito tempo saí andando assim, subi, acabei pegando o primeiro trem que passou. Minha sorte era que estava indo mesmo para Manhattan. E o lance àquela hora era pular mesmo, daí a pouco passou um condutor recolhendo dinheiro da passagem.”

Letras das Músicas

.....

..

Incompatibilidade de Gênios

(João Bosco e Aldir Blanc)

Dotô
Jogava o Flamengo, eu queria escutar
Chegou
Mudou de estação, começou a cantar
Tem mais
Um cisco no olho, ela em vez de assoprar
Sem dó
Falou que por ela eu podia cegar
Se eu dou
Um pulo, um pulinho, um instantinho no bar
Bastou
Durante dez noites me faz jejuar
Levou
As minhas cuecas prum bruxo rezar
Coou
Meu café na calça pra me segurar
Se eu tô, ai, se eu tô
Devendo dinheiro e vem me cobrar
E vem me cobrar
Dotô
Ai, dotô
A peste abre a porta e ainda manda sentar
E ainda manda “sentá”
Depois
Se eu mudo de emprego que é pra melhorar
Que é só pra melhorar
Vê só

Convida a mãe dela pra ir morar lá
Se eu peço feijão, ela deixa salgar
E ela deixa salgar
Calor
Ai, calor
Mas veste casaco pra me atazanar
Só pra atazanar
E ontem
Sonhando comigo, mandou eu jogar
Mandou eu “jogá”
No burro
Foi no burro
E deu na cabeça a centena e o milhar
Ai, quero me separar

Cotidiano

(Chico Buarque de Holanda)

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode às seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Todo dia ela diz que é pra eu me cuidar
E essas coisas que diz toda mulher
Diz que está me esperando pro jantar
E me beija com a boca de café

Todo dia eu só penso em poder parar
Meio dia eu só penso em dizer não
Depois penso na vida pra levar
E me caio com a boca de feijão

Seis da tarde, como era de se esperar
Ela pega e me espera no portão
Diz que está muito louca prá beijar
E me beija com a boca de paixão

Toda noite ela diz pra eu não me afastar
Meia-noite ela jura eterno amor
Me aperta pra eu quase sufocar
E me morde com a boca de pavor

Todo dia ela faz tudo sempre igual
Me sacode as seis horas da manhã
Me sorri um sorriso pontual
E me beija com a boca de hortelã

Drão

(Gilberto Gil)

Drão, o amor da gente é como um grão
Uma semente de ilusão
Tem que morrer pra germinar
Plantar n'algum lugar
Ressuscitar no chão nossa semeadura
Quem poderá fazer, aquele amor morrer
Nossa caminha dura
Dura caminhada, pela estrada escura
Drão não pense na separação
Não despedace o coração
O verdadeiro amor é vão
Entende-se infinito, imenso monolito
Nossa arquitetura
Quem poderá fazer, aquele amor morrer
Nossa caminha dura, cama de tatame
Pela vida afora
Drão os meninos são todos são
Os pecados são todos meus
Deus sabe a minha confissão
Não há o que perdoar
Por isso mesmo é que há
De haver mais compaixão
Quem poderá fazer, aquele amor morrer
Se o amor é como um grão
Morre nasce trigo
Vive morre pão
Drão, Drão

O Samba do Arnesto (Adoniran Barbosa)

O Arnesto nus convido prum samba ele mora no Brás.
Nós fumo num encontremo ninguém.
Nós voltemo cuma baita duma reiva.
Doutra vez nós num vai mais.
Nós num semo tatu.

O Arnesto nus convido prum samba ele mora no Brás.
Nós fumo num encontremo ninguém.
Nós vortemo cuma baita duma reiva.
Doutra vez nos num vai mais.

Num outro dia encontremo com Arnesto,
que pediu desculpas
mas nós num aceitemo.
Isso num se faz Arnesto
Nós num si importa.
Mas você devia ter pnhado um recado na porta.
O Arnesto nus convido prum samba ele mora no Brás.
Nós fumo num encontremo ninguém.
Nós vortemo cuma baita duma reiva.
Doutra vez nós num vai mais.

Num outro dia encontremo com Arnesto,
que pediu desculpa
mas nós num aceitemo.
Isso num se faz Arnesto
Nós num si importa.
Mas você devia ter pnhado um recado na porta.

Um recado anssim uai
Oi turma num deu pa ispera
Duvidu que isso num faz mar, num tem importância

Assinado incluso por que num sei escrever.

Ai se sese
Cordel do Fogo Encantado

A gente vem lá do sertão de Pernambuco cidade chamada Arco Verde.

O poeta Zé da Luz do início do século escreveu uma poesia, porque disseram pra ele que pra falar de amor era necessário o português correto tal. Aí Zé da Luz escreveu uma poesia chamada “**Aí se sese**”, que diz assim:

Se um dia nós se gostasse
Se um dia nós se queresse
Se nós dois se impariasse
Se juntin nós dois vivesse
Se juntin nós dois morasse
Se juntin nós dois drumisse
Se juntin nós dois morressem
Se pro céu nos a subisse
Mas porém se acontecesse de São Pedro
Abrisse a porta do céu e fosse dizer qualquer tolisse
E se eu me arreminasse
E tu cum eu insistisse
Pra que eu me arresoivesse
E a mia faca puxasse
E o bucho do céu furasse
Dá vez que nós dois ficasse
Dá vez que nós dois caísse
E o céu furado arriasse
E as virge toda fugisse

Desafio no Rap Ebolada

É o rap embolada
É o rap repente rebentando na quebrada
É o rap embolada
É o rap repente rebentando na quebrada
Duelo de titãs
Atenção irmãos irmãos
Acenderam o pavio
Eu to vendo o desafio
E Taíde aceitou
Vai começar a disputa
Vale tudo nessa luta
...
Quem não conhece Nelsão
Aquele cara comprido
Magro parece um palito
E com um cabelão
Hoje ta no hip hop
Mas já foi do sould
Me lembro da primeira vez que a gente conversou
Mas isso é passado
To muito invocado
Porque em Diadema ele me desafiou
Eu to ligado que ele é do Nordeste
Minha rima vai mostrar que eu também
Sou cabra da peste
Vou me transformar em tesoura
Corta o cabelo dele
E por debaixo do tapete com uma vassoura

Eu vou até o fim dessa batalha
Mas eu preciso superar a minha levada
Onde é que eu faço a treta

Te dou um nó de letra
Abro e envio um microfone na sua cabeça
Sou eu o responsável pela sua esperteza
Você não me assusta então cresça e apareça
Você provocou agora
...
Você diz que dá na bola na bola você não dá
Cabra Taíde você pode se lascar
Se você vier pra cima vai cair da sua rima
Depois que ta lá em cima vai poder te segurar
Você disse você vê preste atenção
Mas agora deu mancada e perdeu sua razão
Eu ouvi você dize vai corta que meu cabelao
Eu tou no ar, vou reagir a poeira vai subir
E a gente vai sumir porque no mundo ninguém jamais
me tirou assim
Homem pra bater em mim
Se nasceu não se criou e se criou já levou fim
Eu curto Luis Gonzaga o meu país tropical
Conheço o bem e o mal e o sopro genital
Danço break, samba, soul
Sou poeta e coisa e tal
Meu cabelo foi tombado é patrimônio nacional
Dentro do mundo da moda
Sigo pela contra mão
No estilo black pau é a forma original
Então irmão preste atenção meu cabelo é real não é curtição

Aqui e que é soui... sansão
É o rap embolada
É o rap repente rebentando na quebrada
É o rap embolada
É o rap repente rebentando na quebrada

O bicho pegou nessa queda de braço
Dois homens de aço estão frente a frente
A força da mente e do verso ligeiro
Feliz nessa luta é quem sai inteiro
E diz a verdade para toda gente
Sei que você não é de nada
Manda logo a embolada
Se prepara pra batalha porque aqui e escorpião
Não respeita soldado raso nem mesmo capitão
**Te jogo no chão se liga Nelsão não leva uma
comigo só porque é grandão**
O meu facão é o microfone eu tou com ele na mão
Te dou lápis, caderno, borracha, régua, compaço
Sua matrícula eu faço pra ensinar a lição
Me ensinar a lição sai dessa meu irmão eu estudei sou
formado sou um grande cidadão
Eu sei que é certo que é errado
Também sou escorpião não vou lhe maltratar só quero
lhe preparar pra fazer o vestibular
Conheço muita gente
A maioria inteligente

Ai D'Eu Sodade (Anônimo)

Marido se alevanta
e vai armá um mundé
prá pegá u'a paca gorda
prá nois fazê um sarapaté
Aruera é pau pesado
num é minha véa
cai e machuca meu pé
e ai d'eu sodade

Intonce marido
se alevanta
e vai na casa da tua vá buscá
a ispingarda dela
pro cê caçá um mocó
só que no lajedo tem cobra braba
num é minha véa
me morde e fica pió
e ai d'eu sodade

Marido se alevanta
e vai caçá u'a siriema
nois come a carne dela
e faiz u'a bassora das pena
quem me dera tá agora
num é minha véa
nos braço d'uma roxa morena
e ai d'eu sodade

Sujeito se alevanta
e vai na casa do venderão
comprá u'a carne gorda

prá nois cumê um pirão
é que eu num tenho mais dinheiro
num é minha véa
fiado num compro não
e ai d'eu sodade

Marido se alevanta
e vai na venda do venderin
comprar déis metro de chita
prá fazê ropa pros nossos fiin
aí dent'ó tem um cochão véi
num é minha véa
dismancha e faiz u'as carça prá mim
e ai d'eu sodade

Disgramado te alevanta
dexa di cê priguçoso
o home qui num trabaia
num pode cume gostoso
é que trabaiá é muito bom
num é minha véa
mais é um poco arriscoso
e ai d'eu sodade

Marido se alevanta
e vem tomá um mingau
qui é prá criá sustança
prá nois fazê um calamengau
brincadera de manhã cedo
num é minha véa
arrisca quebrá o pau
e ai d'eu sodade

Marido seu desgraçado
tu ai de morrê
cachorro ai de ti lati
e urubú ai de ti cumê
se eu sobesse disso tudo
num é minha véa
eu num casava cum ocê
e ai d'eu sodade.

Referências Bibliográficas

ADAIL (e outros). *Antologia brasileira de humor*. Porto Alegre: L&PM, 1976.

ASSIS, Machado de. *Contos fluminenses*. Vol. 2. São Paulo: Jackson Editores, 1955.

BAGNO, Marcos. *Preconceito Lingüístico: O que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BRASIL, MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais (ensino fundamental). Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Brasília, 1997.144p.

BRASIL. MEC, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais (ensino fundamental), Linguagens, códigos e suas tecnologias, Brasília, 2000.

COSCARELLI, Caria Viana. *Livro de receitas do professor de Português*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

DAYRELL, Juarez. O rap e o funk na socialização da Juventude. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 28, n.1, p. 117-136, jan./jun. 2002.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret; MENDES, Eliana Amarante de Mendonça (Org.). *Reflexões sobre a língua portuguesa: ensino e pesquisa*. Belo Horizonte: Pontes, 1997.

ECO, Humberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

ECO, Humberto. *Os limites da interpretação*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

GOTLIB, Nadia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1985.

LISPECTOR, Clarice. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: A tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998. Cap. 1: A oralidade da linguagem, p. 1-7.

ONG, Walter. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Trad. Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papirus, 1998. p. 13-24.

Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Médio): Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Secretaria de Educação – Brasília: MEC, 2000.

PAULILLO, Maria Célia Rua de Almeida. *Seleção de textos, notas, estudos biográficos, históricos e críticos e exercícios*. São Paulo: Abril Educação, 1981.

RAMOS, Jânia M. *O espaço da oralidade na sala de aula*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

ROSA, J. Guimarães. *Chapeuzinho Vermelho*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

TREVISAN, Dalton. *Desastres do amor*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

VILELA, Luiz. *A cabeça*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. *As mentiras que os homens contam*. São Paulo: Objetiva, 2000.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Outras do analista de Bagé*. Porto Alegre: L&PM, 1982.

Referências Fonográficas

BARBOSA, Adoniran. *Série 2 em 1*. Rio de Janeiro: EMI Music do Brasil, 2003. CD – faixa 22.

BOSCO, João. *Acervo especial*. São Paulo: BMG Ariola Discos, 1995. CD – faixa 2.

BRANCA, Pena e Xavantinho. *Cio da Terra*. São Paulo: Warner Music Brasil, 1996. CD – faixas 2 e 8.

BUARQUE, Chico. *construção*. São Paulo: Polygram do Brasil, 1993. CD – faixa 2.

BUARQUE, Chico. *Sinal fechado*. São Paulo: Polygram do Brasil, 1993. CD – faixa 12.

CORDEL DO FOGO ENCANTADO. *Cordel do Fogo Encantado*. São Paulo: Trama. CD – faixa 18.

ELOMAR; AZEVEDO, Geraldo; FARIAS, Vital; XANGAI (AVELINO, Eugênio). *Cantoria 1*. Rio de Janeiro: Kuarup Produções, 1984. CD – faixa 7.

GABRIEL O PENSADOR. *Seja você mesmo mas não seja sempre o mesmo*. São Paulo: Sony Music, 2001. CD – faixa 2.

GIL, Gilberto. *Umplugged*. São Paulo: WEA – Warner Music Brasil, 2003. CD – faixa 6.

GONZAGA, Luiz. *O melhor de*. São Paulo: BMG Ariola Discos, 1996. CD – faixa I.

LEE, Vander. *No balanço do baleio*. Rio de Janeiro: Kuarup Discos, 1999. CD – faixa 6.

NOGUEIRA, João. *E li vou eu*. Rio de Janeiro: EMI Music Brasil, 2003. CD – faixa 11.

NOGUEIRA, João. *Songbook Noel*. Rio de Janeiro: Lumiar Discos 1991. CD – faixa 9.

SATER, Almir. *Almir Sater* Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 1991. CD – faixa I.

QUARTETO EM CY & MPB4. *Série Millennium*. São Paulo: Polygram do Brasil, 1993. CD – faixa 2.

TAPAJÓS, Paulinho. *A arte de... vol 7*. Rio de Janeiro: Cid Entertainment, 1996. CD – faixa 8.